

PORTUGAL VAI MAL, MAS A UNIÃO EUROPEIA, PIOR

por Mário Soares

A generalidade dos portugueses, depois das últimas semanas que passámos - e tendo consciência do que nos espera, após termos algum conhecimento das exigências da Troika - deve pensar que a situação portuguesa vai mal, sobretudo perante o autismo de alguns políticos e economistas. Mas o futuro da União Europeia, a que pertencemos, parece desenhar-se ainda pior.

Se não me engano, os próximos tempos vão agravar a decadência e a incapacidade de reacção dos principais dirigentes políticos europeus. Na realidade, perante as dificuldades extremas das políticas internas dos respectivos Estados - Angela Merkel, Nicolas Sarkozy, Silvio Berlusconi, David Cameron e outros, menos relevantes - parecem cegos e recusam-se a ver a decadência efectiva, em que a União Europeia, como um todo, se encontra relativamente ao futuro próximo.

A opinião pública europeia, até agora demasiado passiva, começa a dar sinais inquietantes, quanto ao que está para vir. A Grécia e a Irlanda, após as ajudas tardias e demasiado restritivas da União Europeia, não melhoraram nada. Pelo contrário. Surgiu, entretanto, o caso português e embora a Troika tenha, ao que parece, aprendido alguma coisa e, conseqüentemente, tenha aberto um pouco mais os cordões à bolsa, não será o suficiente para evitar a recessão que nos ronda.

O resultado é que, como a União não definiu, até agora, perante a crise global que nos afecta, uma estratégia global para pôr os mercados especulativos na ordem, como devia, outros Estados-membros podem, com grande probabilidade, vir a ser atacados pela insaciável avidez dos mercados especulativos e das agências de rating. Estão nessa fila Estados como: a Bélgica, a Espanha, a Itália e talvez mesmo a França. Aí não haverá Troikas capazes de fazer milagres. A União Europeia - e as suas burocráticas instituições, tão retrógradas - terão de mudar de modelo de desenvolvimento, rapidamente, ou entrarão numa irremediável decadência senão mesmo em desagregação. Seria o fim de um projecto único, invejado em todos os Continentes, que trouxe às populações europeias a paz, o bem-estar, a justiça social, o aprofundamento democrático e dos Direitos Humanos. Ora a responsabilidade dessa tragédia, se vier a suceder, cairá, indiscutivelmente, sobre os actuais dirigentes europeus...

Muitos portugueses viram certamente um filme extraordinário de oportunidade, intitulado "Inside job - A verdade da crise". Mostra os efeitos das bolhas especulativas, a falta de regulação da globalização, as economias virtuais, os paraísos fiscais, as grandes negociatas, sem ética, os mercados especulativos, sem princípios nem crédito, cada vez mais agressivos e impunes, que atacam velhos Estados nacionais, ajudados pelas empresas de rating, igualmente sem regras, valores ou moral. Tudo isso foi e é causa e consequência da grave crise global, cujos responsáveis ficaram, em geral, impunes, que começou nos Estados Unidos e se alargou à Europa e a outros Continentes. Está longe, aliás, de ter sido vencida, tanto nos Estados Unidos como na União Europeia.

Voltando à União Europeia, os Estados nacionais salvaram os bancos, para evitar as consequências de falências em série. Mas agora estão eles a ser atacados e a receber empréstimos das instituições comunitárias, a juros elevadíssimos, para reduzir os endividamentos e os deficits, públicos e privados.

Contudo, na maior parte dos casos, os Estados não podem defender-se das recessões económicas, que começam a sentir-se, dada a fúria gananciosa dos mercados especulativos. Resultado: mais desemprego, mais desigualdades, mais fome, nos casos extremos e mais mal-estar social...

Muitos economistas conhecidos, entre os quais alguns Nobel, têm vindo a chamar a atenção dos dirigentes europeus para o esgotamento da ideologia neoliberal - responsável pela crise global - e para a impunidade dos seus principais responsáveis, com raras excepções. Há poucos meses a Associação Francesa de Economia Política lançou um manifesto, assinado por diversos economistas, curiosamente intitulado "manifesto dos economistas aterrorizados". O seu objectivo não era condenar o capitalismo, mas tão só a fase que atravessa, com a ditadura absoluta do capital financeiro, sobre a política e os Estados soberanos, continuando a permitir a actividade dos mercados especulativos, sem regras nem ética.

E acrescenta: "a retoma económica foi possível, frágil mas real, graças a uma injeção colossal de fundos públicos no circuito económico (desde os Estados Unidos à China)". E sublinha: "Apenas um Continente continua em retracção: a Europa". Porquê? "Porque o caminho do crescimento económico deixou de ser a sua prioridade política, enveredando por outra via: a luta contra os deficits públicos". Por isso, insisto eu, os Estados europeus estão a viver momentos muito difíceis, mesmo os que, como a Alemanha, têm economias consideradas fortes. Mas se o euro, vier a ser destruído - como pretendem os mercados especulativos - como poderá subsistir a Alemanha ao arrepio da União Europeia? Voltará ao marco? Sinceramente, não creio que seja possível.

Da Troika às Eleições

Portugal ainda mal digeriu as "receitas" da Troika - que parecem pouco claras aos olhos da maioria dos portugueses - e os Partidos lançaram-se logo numa agressiva competição eleitoral, em que se discute tudo menos o essencial: como é que os vencedores das eleições, se os houver, num só Partido ou associados, irão resolver os gravíssimos problemas com que serão enfrentados? Refiro-me ao descontentamento geral, ao desemprego, à precariedade do trabalho, às manchas de fome, que estão a alargar-se por todo o território nacional, à diminuição das pensões, sobretudo para os idosos, às dificuldades com que terão de haver-se no que se refere ao Serviço Nacional de Saúde, ao Ensino Público, às Pequenas e Médias Empresas, aos cortes exigidos, perante o despesismo habitual do Estado, das Regiões Autónomas e das Autarquias?

Nenhum líder partidário se debruçou, que se saiba, até agora, sobre esta temática, para responder aos problemas que mais inquietam os portugueses. Cometem um erro grave. Porque os eleitores não gostam que os responsáveis partidários se injuriem ou que só pensem nos interesses dos seus Partidos e não nos do Povo Português, que é afinal quem conta e decide, através do voto.

As oscilações das sondagens, com o sobe e desce dos diferentes Partidos, são sintomáticas. Há, no eleitorado, uma grande inquietude quanto ao nosso futuro colectivo. Com razão. Ora se os Partidos não querem debater sobre o que se vai passar depois das eleições, o voto passa a ser algo de volátil, porventura mesmo fazendo crescer a abstenção. O que é perigoso em todos os sentidos e não só no da consolidação da Democracia.

Entre os líderes, Paulo Portas, que é indiscutivelmente inteligente, tem sido o mais contido, até no tom da fala. Mas cometeu o erro, no último debate, de se apresentar como um possível primeiro-ministro, atitude a que só a vaidade o poderá ter empurrado. A improbabilidade dessa hipótese, só o desfavorece. Fernando Nogueira, dixit, com razão...

Passos Coelho, tem-se apresentado como demasiado neoliberal, posição de que muitos militantes do PSD não gostam nada. O Partido, que se saiba, ainda se chama Social-Democrata, apesar de pertencer ao Grupo Popular ou Populista dos partidos conservadores do Parlamento Europeu. Tem deixado e ainda bem, para os socialistas, a porta aberta ao Estado Social. Tema a que Sócrates, atinadamente, nunca tem deixado de se referir, com o devido entusiasmo.

Passos Coelho, por outro lado, tem tido alguma pouca sorte com as pessoas que tem escolhido. Há vários exemplos, mas basta dar um: o prof. Eduardo Catroga, antigo Ministro das Finanças de Cavaco Silva. Tem sido de uma inusitada agressividade para com os seus adversários, principalmente do PS. Num debate público, televisivo, foi de uma impertinência que incomodou os ouvintes e saiu-se com um palavrão que não se pode pronunciar, como se dizia no meu tempo, à frente de senhoras... Mas disse-o, tranquilamente, confessando depois ao I, numa entrevista, que sua Esposa o admoestou, segundo as suas palavras. Porque, cito: "quando sair à rua contigo vou ficar envergonhada". O caso, realmente, não é para menos...

Assim vai a campanha eleitoral, neste início tão turbulento e incerto do mês de Maio. Os palpites sobre os resultados são, segundo tenho ouvido, bastante variados. As previsões são difíceis. Mas o que mais me preocupa - e julgo que aos portugueses na sua maioria - é o que se vai passar no "day after". A imprevisibilidade está generalizada, dado que os Partidos que assinaram o relatório da Troika, continuam a não se entender. E deviam fazê-lo, e oxalá ainda o façam, a bem do interesse nacional. Lembrem-se que, em política, nunca se deve dizer que uma coisa é impossível!

Lisboa, 17 de Maio de 2011